



ANTROPOLOGIA DAS SOCIEDADES COMPLEXAS: continuidade e mudança no Brasil e em Portugal

Gilberto Velho

Os laços entre antigas metrópole e colônia são sempre ambíguos. Se, de um lado, encontram-se sentimentos positivos como admiração e afeto, por outro, aparecem mágoas e ressentimentos. Até certo ponto, isso é inevitável e avaliações contraditórias serão constantes, assim como estereótipos e preconceitos recíprocos. As reflexões sobre o que aproxima e distingue em termos sócio-culturais podem ser interessantes para situar melhor essa dinâmica de relações. Este texto tem o Brasil como foco básico, apresentando algumas indicações de possível comparação com a sociedade portuguesa.

Pela própria história, resalte-se a maior antigüidade do estado-nação português que gerou, em grande parte, o brasileiro. Há uma precedência, portanto, no tempo, permitindo metáforas e analogias com família e geração. O Brasil foi, efetivamente, a grande colônia de Portugal, onde se construiu uma nova sociedade e, depois, um país de forte complexidade sócio-cultural. Um fator fundamental de aproximação é a língua, embora muitos portugueses confundam que no Brasil fala-se o brasileiro e não o português... Não há como subestimar essa unidade linguística, apesar de diferenças não triviais, para a esfera cultural e para as interações sociais.

As variações em sotaque, em uso de vocabulário, em construção de frases, podem dar margem a alguns mal-entendidos e confusões, assim como muitas piadas, mas não obscurecem o fato principal de existir um instrumento básico que permite a interação e o contato direto, sem traduções e intermediários.

Essa “unidade” não é uma bênção dos deuses, mas fruto de processo sócio-histórico com um projeto político conduzido com eficiência pelo estamento burocrático luso-brasileiro, nos termos de Raymundo Faoro, retomando Weber (Faoro, 1975). A independência do Brasil proclamada pelo filho mais velho do rei de Portugal representou um tipo de ruptura muito particular, mantendo-se a dinastia dos Bragança nos dois países. Embora isso desse margem a conflitos infundáveis, não se devendo subestimar os movimentos anti-portugueses e Bragança, no Brasil, permitiu uma continuidade político-administrativa única no panorama latino-americano. A condição de monarquia, durante sessenta e sete anos após a independência, colocou o Brasil numa posição peculiar frente a seus vizinhos, juntando-se à singularidade de país de língua portuguesa. Inegavelmente, essas características da história brasileira mantiveram-no muito próximo da antiga metrópole, sobretudo no que toca às suas elites políticas e sociais. A própria construção da sociedade brasileira, seja pela natureza de sua expansão, seja através do regime escravocrata, gerou, no entanto, um processo que viria a diferenciá-la drasticamente da portuguesa. Como mostrou Sérgio Buarque de Holanda, a presença de uma população ameríndia, mesmo em grande parte dizimada, produziu combinações e interações sócio-culturais significativas. Por exemplo, a importância da língua tupi, acionada, inclusive pelos jesuítas, foi notável em boa parte do Brasil, sendo, durante vários séculos, veículo de comunicação alternativo ao português (Holanda, 1956).

A escravidão introduziu em grande escala a mão-de-obra africana. Desde a segunda metade do século XVI, até a segunda metade do XIX, durante cerca de quatrocentos anos, milhões de negros africanos, de regiões e culturas diferentes, chegaram ao Brasil com suas crenças, valores, memória e experiência social. É importante ressaltar tanto a diversidade sócio-cultural dos africanos como dos ameríndios, evitando generalizações do senso comum, com imagens simplificadoras do “negro” e do “índio.” Os próprios portugueses que vieram para o Brasil devem ser percebidos nas particularidades de origem e, ao longo do tempo, distinguindo-se o colonizador do século XVI do imigrante do século XIX, por exemplo. Quanto aos africanos, a obra de Gilberto Freyre mostra, com brilhantismo, sua participação decisiva na formação da sociedade brasileira. Conforme ele demonstra, essa influência manifesta-se em várias dimensões e domínios, como na música, na dança, na alimentação e na própria família (Freyre, 1933).

Um tema que tem merecido atenção especial dos antropólogos é a crucial importância das religiões afro-brasileiras para a compreensão de nossa cultura. Os rituais de transe e possessão, com a crença generalizada em entidades, orixás, eguns e espíritos, no candomblé, umbanda e variantes,

marcam, indelevelmente, as crenças e sociabilidades brasileiras (Bastide, 1971). Não há estatísticas seguras, mas, certamente, os freqüentadores regulares dos cultos afro-brasileiros, acrescidos das pessoas que, mesmo sem participar diretamente, compartilham do seu universo de crenças, somam alta proporção da população. Acrescendo-se a eles os espíritas kardecistas, cujas fronteiras nem sempre estão muito nítidas, constatamos o fato de que, provavelmente, a maioria dos brasileiros tem uma relação significativa com a crença em espíritos e com os cultos de transe e possessão. A relativamente recente expansão de igrejas neo-protestantes, muitas vezes em conflito com os cultos afro-brasileiros, indica a existência de um campo ampliado em que o exorcismo aparece como mais uma demonstração de crença em espíritos e entidades sobrenaturais, sejam benígnos ou malígnos (Velho, 1994).

A igreja católica é, certamente, muito importante no Brasil, quer através de sua influência nas elites quer pelo próprio catolicismo popular que se apresenta em diferentes versões pelo país, com seu culto aos santos, festas e procissões, muitas vezes combinado com outros cultos como o candomblé da Bahia (Carneiro, 1948 e Zaluar, 1983). O catolicismo não tem a mesma dominância que já teve, mas, nas últimas décadas, tem havido um movimento, até certo ponto deliberado, de renovação, como na expansão do movimento carismático e no fenômeno midiático dos padres cantores. Sabemos do forte predomínio do catolicismo em Portugal, embora também se registrem crenças e práticas fora da ortodoxia católica, como no caso das bruxas (Bastos, 1985, Cabral, 1989, e Carvalho, 1989). A presença da Igreja Universal é recente em terras lusas, mas significativa, como mostra a tese de Clara Mafra (1999). Não é demais insistir na drástica diferença que a presença e participação propriamente africanas na sociedade brasileira estabelece em relação a Portugal, onde encontramos grupos minoritários africanos, sobretudo das ex-colônias, mas que não têm o peso e o papel que os africanos e seus descendentes desempenham na sociedade brasileira. Voltamos a Gilberto Freyre, que ressalta as peculiaridades da colonização portuguesa nos trópicos, particularmente no Brasil. Seria interessante refletir sobre o modo de relacionamento dos portugueses com populações negras na África, no Brasil e em Portugal, para contextualizar hipóteses mais amplas sobre relações raciais e interétnicas.

Portugal, na sua formação, contou com a participação de várias categorias étnicas e sociais, ressaltando-se, ao lado da vertente, propriamente, européia, a presença árabe, moura e norte-africana, não só durante a longa presença muçulmana na Península Ibérica, mas por vários outros tipos de contato no decorrer da história. Embora tenha se mantido sempre como sociedade em permanente interação e troca com outros povos e culturas,

registre-se a precoce consolidação de uma identidade sócio-cultural portuguesa associada ao estado-nação (Mattoso, 1998). Já no Brasil, além dos portugueses, ameríndios e africanos, assinala-se a presença fundamental de outras nações através da imigração. O “branco” original é o português, que é a base da presença europeia. Mesmo depois da independência constitui, durante muito tempo, a principal corrente imigratória. São pessoas de diferentes estratos sociais e origens que se espalham por todo o território brasileiro. Já muito se falou sobre a herança e influência portuguesa. Quero enfatizar que à língua e à unidade político-administrativa somam-se a importância numérica e presença generalizada para caracterizar essa participação fundadora e sempre presente em todos os níveis e dimensões sócio-culturais. Em seguida, tanto em termos numéricos, como por sua importância crucial em várias regiões do Brasil, destacam-se os italianos. Desde a segunda metade do século XIX, em parte como processo de substituição da mão-de-obra de origem africana, chegam ao campo e, progressivamente, às cidades. O tema da colonização italiana vem sendo objeto de crescente interesse, aparecendo, inclusive, em novelas de grande sucesso. O fato de terem um lugar, particularmente importante, no estado de São Paulo, o mais populoso e rico, lhes confere uma aura especial. Mas estão presentes, de modo significativo, no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, no Espírito Santo, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio de Janeiro, entre outros estados da federação. Como grupo étnico-social, apresentam uma forte tendência de ascensão, aparecendo em praticamente todos os setores da elite, particularmente no empresarial. De modo muito impreciso, acredita-se que entre 5 e 10 por cento da população brasileira teriam algum tipo de origem italiana. As marcas culturais são inúmeras, inclusive na língua, e com destaque em domínios como os da alimentação e das artes.

Os espanhóis têm presença marcante na história do Brasil, trazendo para a América sua relação com os portugueses. Portanto, há uma longa história de conflitos de fronteira, especialmente no sul, mas que significa, nos termos de Simmel, uma relação social significativa (Simmel, 1964). Constitui-se no Rio Grande do Sul e em boa parte do Uruguai e da Argentina uma cultura gaúcha com características singulares e transnacionais (Oliven, 1996). Por outro lado, durante o período da União Ibérica (1580-1640), a influência espanhola foi forte em vários níveis, inclusive por sua luta com os holandeses que ocuparam, durante cerca de um quarto de século, parte do Nordeste açucareiro, deixando também marcas. Os conflitos envolvendo portugueses, espanhóis e holandeses, durante o século XVII afetaram profundamente a história brasileira (Mello, 1999). Mais tarde, a presença espanhola traduziu-se em imigração importante, por exemplo, para o estado da Bahia. Também o Rio de Janeiro e São Paulo receberam número expressivo, especialmente

de galegos, próximos dos portugueses, de vários modos. Os alemães ocupam um lugar especialmente significativo no sul do Brasil, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, embora sejam encontrados em outras regiões, como no Espírito Santo. No sul, particularmente no Vale do Itajaí, alcançaram, mesmo, um certo predomínio sócio-cultural que lhes custou ônus político e até restrições, sobretudo, durante as duas grandes guerras (Seiferth, 1998). Outros grupos de imigrantes recebem destaque, como os sírio-libaneses e judeus, presentes em boa parte do país. Poloneses, suíços, austríacos e ucranianos devem ser mencionados por sua presença em locais específicos. Os japoneses, tanto pelo número quanto por sua forte marca, principalmente, no estado de São Paulo, cuja capital é a cidade do mundo com maior número de habitantes de origem nipônica fora do Japão, têm posição expressiva. Este grupo, hoje, representa mais de um por cento da população brasileira, com forte padrão de mobilidade ascendente (Keller, 1973 e Cardoso, 1977). Frise-se que todos esses imigrantes, de diferentes grupos étnico-culturais, inseriram-se em uma sociedade fortemente desigual em processo de saída ou recém-saída da escravidão, numa transição híbrida de castas para classes, apresentando mecanismos de exploração de mão-de-obra dos mais opressivos. A grande diversidade sócio-cultural, no entanto, tem como consequência uma certa variação nos tipos de adaptação e integração.

Certamente, esse é um quadro muito diferente da composição étnico-cultural da sociedade portuguesa, bem mais homogênea, embora de modo relativo e não absoluto, pois sabemos da participação e presença de outras nacionalidades na sua história, até pela posição estratégica de seu território. Sobretudo, são as características do estado nacional português que colocam o país em permanente interação com outros povos, tendo o comércio como instrumento privilegiado. O fato é que Portugal passou a ser, progressivamente, um país de emigração, tendo o Brasil, por muito tempo, como principal porto de destino. As colônias africanas, Venezuela, Estados Unidos, Canadá e outros países europeus constituíram-se, em diferentes momentos, em alternativas importantes, sendo que, hoje, o número de imigrantes portugueses que desembarca no Brasil é pequeno, comparado com um passado não tão distante. A antiga colônia constituiu-se, após a repressão e o fim do tráfico negreiro, em meados do século XIX, em um país de imigração. É, sobretudo, a partir daí até meados do século XX que chega o grosso dos imigrantes europeus e japoneses citados. Mas, no últimos vinte anos, em função, sobretudo, de crises econômicas e de atrações da globalização, tem crescido a emigração de brasileiros, principalmente para os Estados Unidos. A imprecisão das estatísticas que se deve, em grande parte, ao caráter muitas vezes ilegal desse movimento, leva a calcular vagamente em torno de um milhão e meio os brasileiros que emigraram nesse período, incluindo-se,

além dos Estados Unidos, a Europa Ocidental e o Japão como destinos preferenciais. Enfrentam situações e vivem processos diferenciados de adaptação, com maiores ou menores graus de dificuldade.

De qualquer forma, ao contrário de Portugal, o Brasil tem um imenso território contínuo a ocupar e a ser explorado. Desde as entradas e bandeiras, a partir dos finais do século XVI e início do XVII, tem havido importante deslocamento de populações, expandindo fronteiras e, mais recentemente, provocando um gigantesco aumento da população dos principais centros urbanos. Os desequilíbrios regionais, a má distribuição de renda, as secas, as crises econômicas e a atração exercida pelas cidades, sobretudo as do Sudeste, estimulam e aceleram esse movimento. Em cinquenta anos, inverteu-se a proporção de habitantes do campo e da cidade. Hoje mais de oitenta por cento da população do país vive em centros urbanos. A situação do meio rural, com subemprego, conflitos e falta de oportunidades, expulsa para as cidades, particularmente as grandes, boa parte dos moradores. Estes encontram no meio urbano outros problemas, agravados, sobretudo, por crescentes dificuldades no mercado de trabalho, especialmente para mão-de-obra pouco qualificada. De qualquer forma, a área de mais de oito milhões e meio de quilômetros quadrados e a população de cerca de cento e sessenta e cinco milhões de habitantes dão ao Brasil um potencial, só parcialmente atualizado. A exploração e aproveitamento de suas riquezas e o desenvolvimento de seu mercado interno oferecem possibilidades que, há muito tempo, despertam o interesse de gregos e troianos, provocando cisões e conflitos não desprezíveis, nos planos interno e internacional.

Mas é, principalmente, nas grandes cidades que se pode perceber a dramaticidade dos encontros e desencontros da sociedade brasileira. Artistas e cientistas sociais têm, de várias maneiras, procurado retratar e interpretar a vida urbana, particularmente nas grandes metrópoles de muitos milhões de habitantes. Tanto São Paulo como o Rio de Janeiro, encontram-se entre as cidades mais populosas do planeta. Dependendo dos limites, do município à região metropolitana, os números podem chegar a cerca de dez milhões de habitantes para São Paulo e perto de seis milhões para o Rio, somando as duas mais do que a população portuguesa. Recife, Salvador, Fortaleza, Brasília, Belém, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre são todas cidades de mais de um milhão de habitantes, constituindo uma rede urbana de vastas dimensões. Esse crescimento, ligado às peculiaridades do mercado de trabalho e a aspirações sócio-culturais, criou situações de alta complexidade, com forte tensão social.

Trajetórias e projetos, assim como as próprias identidades sociais, devem ser compreendidos dentro dessa conjuntura de conflitos e acelerada mudança. A explosão demográfica, embora declinando nas últimas duas décadas,

impulsionou a urbanização acelerada pelas desigualdades regionais e iniquidade social, em nada declinantes até o presente. Estas continuam sendo fatores fundamentais para o inchamento das cidades, com todos os problemas correlatos. A vida urbana, por mais difícil que seja, ainda oferece alternativas para os segmentos sociais mais pobres, inexistentes no campo ou nas vilas e pequenas cidades. Embora as capitais regionais como Fortaleza, Recife ou Salvador sejam atingidas nesse processo, são, sobretudo, São Paulo e Rio de Janeiro que recebem o maior impacto de migrantes em busca de empregos e oportunidades de todos os tipos. Esse processo tem antigas raízes. Desde, pelo menos, o século XIX, acentuando-se nos anos trinta do século XX e, mais ainda, ao final da Segunda Grande Guerra, a situação vem se agravando com a multiplicação de favelas e inchamento das periferias, alterando ou criando bairros com condições de vida bastante precárias. A falta ou escassez de serviços essenciais, como água, esgoto, luz, transporte, saúde pública, educação etc, aprofunda a crise social. As oscilações e incertezas do mercado de trabalho tornam o cotidiano dessas populações inseguro e frustrante. A pobreza não atinge apenas os migrantes de outras regiões, mas persiste nas camadas populares cariocas e paulistanas, e de outras cidades maiores do país. Além dos migrantes, principalmente oriundos do Nordeste, saliente-se a proporção elevada de afro-brasileiros nos setores mais desprovidos da sociedade, pondo em foco a questão das relações interétnicas, objeto notório de algumas idealizações por autores nacionais e estrangeiros.

Todo esse quadro é base para o dramático crescimento da violência no Brasil em geral, mas, particularmente, nas grandes metrópoles. A cultura de massas e uma forte vertente consumista, mais ou menos associada a *status* e *prestígio social*, agravam as frustrações e o ressentimento social. O tráfico de drogas constitui-se no principal fator de agravamento dessa situação, encontrando campo propício para suas atividades (Velho, 1998). Os assaltos, roubos seqüestros e assassinatos produzem uma situação de insegurança e medo que afeta, de um modo ou de outro, todos os segmentos e categorias sociais. A luta entre quadrilhas de traficantes de drogas, tiroteios entre bandidos e polícia, são episódios que se repetem e ameaçam a segurança pública e privada. Empresas se especializam em dar segurança, grades são colocadas em casas e prédios, guardas e cães são usados em condomínios, bancos, lojas, *shopping-centers* e residências particulares. Trata-se de situação muito diferente do cotidiano português. Os incidentes, aqui e ali ocorridos em Portugal, estão muito longe da violência permanente que assola o Brasil nos últimos anos. As causas desse fenômeno, como indiquei, são muitas, variadas e complexas. Em outros trabalhos procurei lidar com o assunto, mas creio que vale a pena insistir, ao lado dos aspectos materiais de inegável importância, na dimensão simbólica e de valores

envolvida. A expansão de ideologias individualistas, associada à urbanização, abala a ordem de valores tradicional-hierárquica. A família e o universo de parentesco já não são referências tão fundamentais diante da proeminência do indivíduo. Esses valores individualistas não acompanham ideais e projetos de cidadania, apresentando-se acoplados a interesses materiais imediatos e ao consumo de bens.

O negócio das drogas afeta toda a vida social, reforçando tendências de desestruturação de relações tradicionais de reciprocidade e solidariedade. As redes de traficantes instituem novas regras e padrões de lealdade construídos em torno da prática criminosa. As camadas populares, desprovidas de assistência e proteção, são as principais vítimas desse processo. Os diferentes governos têm conseguido muito pouco nas suas iniciativas para melhorar o quadro. Assim, há uma crescente indiferença, quando não desprezo pela esfera pública, maltratada durante o regime militar e longe de recuperada depois de uma redemocratização, marcada, por sua vez, por episódios e situações pouco edificantes, como os escândalos do Governo Collor. A corrupção, constantemente denunciada, também reforça o sentimento de descrédito com a percepção de impunidade e ausência de justiça. Seria interessante comparar os processos de redemocratização no Brasil e em Portugal, avaliando as relações entre as esferas pública e privada nas duas sociedades. Por outro lado, poderia ser produtivo, aproveitando pesquisas concluídas e realizando outras, avaliar o impacto das ideologias individualistas contemporâneas na estrutura de valores de ambos os países. Sem dúvida, sabemos que não desaparecem da noite para o dia, os laços familiares e de parentesco, embora tenham seu espaço social redefinido. Da mesma forma, relações de natureza mais comunitária como as de bairro ou de movimentos sociais e, em certos casos, a vida religiosa, podem ser um contraponto ao individualismo de natureza agonística (Velho, 1999).

As relações entre Brasil e Portugal, é claro, são tema fundamental para um conhecimento mais rico de suas inserções no mundo contemporâneo. Seria útil procurar perceber como Portugal e Brasil participam, em termos culturais, do processo de globalização e como têm lidado com a questão da identidade nacional. A ligação dos portugueses com a Comunidade Européia introduziu dimensões novas, enfatizando mais a condição de *europeu*, reforçada pelo grande número de imigrantes lusos hoje vivendo em vários desses países. O Mercosul, nesse ponto, pouco trouxe, pois não há evidência de sinais de produção de identidade supranacional para os brasileiros. Por outro lado, voltando à relação direta entre Brasil e Portugal, cabe indagar sobre as perspectivas da *comunidade de língua portuguesa* que, como sabemos, inclui também as outras ex-colônias. O fato da separação política entre os dois países ter ocorrido há cento e setenta e oito anos,

entre outras razões, dá uma perspectiva temporal diferente de separações mais recentes.

Outro ponto interessante é a identidade, claramente assumida pelas elites brasileiras, de *ocidental*. Isso, que pode parecer natural para essas elites, não o é, sob outros pontos de vista. Externamente, mesmo em algumas instituições acadêmicas internacionais, o Brasil aparece como *non-western society*. Internamente, os movimentos negro e índio, questionam seriamente essa identidade ocidental, insistindo na importância étnico-cultural dos outros grupos. Assim, pode-se chamar atenção para que diante da importância do número de africanos trazidos para o Brasil e do elevado grau de mestiçagem, a maior parte da população teria, biologicamente, *sangue negro*, a que se somaria o peso na formação da sociedade e herança cultural. No caso dos índios, enfatiza-se a sua precedência no território hoje brasileiro, além de apontar-se a sua condição de vítimas de uma ocupação européia violenta e predadora.

Até que ponto essa discussão é relevante para a sociedade brasileira como um todo ou para seus diferentes grupos e categorias sociais é um tema de análise que pode ser estimulante. Tanto nas novelas de televisão como nos desfiles de escola de samba, o tema da identidade nacional aparece de diferentes modos. A participação portuguesa é bastante naturalizada, enquanto os africanos e os ameríndios, sobretudo, nas escolas de samba, têm merecido destaque. A experiência da escravidão tem sido explorada nas novelas e, mais recentemente, a trajetória da imigração italiana, como já mencionei, vem sendo focalizada em *Terra Nostra*, de Benedito Ruy Barbosa, última atração da TV Globo. Ou seja, existe no Brasil – em vários níveis de cultura, pois aqui poderíamos também mencionar, como exemplos, cinema e literatura – uma preocupação nítida com as identidades sócio-culturais da nação. Assim, apesar da violência e das frustrações sociais, ou por isso mesmo, existe um forte dinamismo cultural no Brasil, produzindo interações entre diferentes categorias sociais. A tensão e o conflito não impedem um processo contínuo de troca cultural em exemplos expressivos tais como o samba (Vianna, 1995), a capoeira (Travassos, 1998), o carnaval (Da Matta, 1979 e Cavalcanti, 1993) e na já citada esfera religiosa (ver também Maggie, 1975, e Birman, 1995). O futebol, certamente, é um fenômeno de dimensão nacional, evidenciado, sobretudo, durante a Copa do Mundo. Mas é no próprio cotidiano que define-se como tema de permanente interesse e fator de mobilização que estabelece comunicação entre os mais variados e distanciados grupos sociais. Uma comparação entre o lugar desse esporte-espetáculo no Brasil e em Portugal poderia gerar resultados instigantes.

As novelas, fenômeno de repercussão internacional, mobilizam, umas mais do que as outras, quase todo o país, atravessando a estrutura social e enfatizando temas de preocupação compartilháveis. Há vários tipos de novelas, com diferentes pretensões, desde as cômicas até as de crítica social que lidam com assuntos polêmicos como os sem-terra, as relações entre gêneros, homossexualismo, relações raciais etc. São, no entanto, sem dúvida, as relações amorosas entre homem e mulher, com seus encontros e desencontros, que constituem o núcleo central das novelas. Através de seus enredos e personagens, sempre atentos aos índices de audiência e reação do público, os autores e suas equipes elaboram o desenvolvimento das histórias sensíveis aos valores e expectativas sociais (Coutinho, 1993). Assim, as novelas de maior sucesso são aquelas que mobilizam diferentes públicos e *taste cultures* (Gans, 1975), capazes de atravessar fronteiras sociais. Mesmo as pessoas que não assistem normalmente às novelas, vêm-se envolvidas, nos momentos mais cruciais de seu desenvolvimento, em função do interesse generalizado que se manifesta através de conversas e discussões nos mais diversos locais e situações. Seria importante estudar mais, comparando o espaço das novelas no Brasil e em Portugal onde chegaram também, já há algum tempo, introduzindo novas variáveis nas relações culturais das duas nações. Na literatura e na música, entre outros, há, certamente, filões a serem mais explorados que poderão ajudar a enriquecer nossa compreensão desse longo relacionamento entre Portugal e Brasil, com suas continuidades e descontinuidades.

Há, portanto, através da história, um ininterrupto relacionamento, com altos e baixos, entre os dois países. As diferenças sócio-culturais, como sugerimos, são muito importantes, constituindo identidades próprias sem, no entanto, obscurecer a relevância de dimensões compartilhadas e de uma significativa dinâmica de trocas culturais. Estas são expressão, causa e consequência da própria complexidade de ambas sociedades. As transformações que têm ocorrido no mundo, desde as políticas e econômicas até as científicas, tecnológicas e culturais, introduzem novos desafios para as ciências sociais. É importante avaliá-las a partir da especificidade de cada Estado-nação e não contentar-se com modelos homogeneizantes onde há pouco espaço para a questão da cultura e das identidades sociais.

Bibliografia

- BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BASTOS, Cristiana. "Bruxas e bruxos no Nordeste Algarvio." Algumas representações da doença e da cura," in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXV, fasc.2-4, 1985.
- BIRMAN, Patrícia. *Fazer estilo criando gêneros: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará/ Editora da UERJ, 1995.
- CABRAL, João de Pina. "A legitimidade da crença: mudança social e bruxas no Norte de Portugal," in *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia, 1989.
- CARNEIRO, Édison. *Candomblé da Bahia*. Bahia: Publicações do Museu do Estado, 1948.
- CARDOSO, Ruth. *O agricultor e o profissional liberal entre os japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CARVALHO, Clara Afonso de A. de. "Bruxa, vizinhos e parentes na Beira Alta," in *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia, 1989.
- CAVALCANTI, Maria Laura V. C. *Onde a Cidade se Encontra: o desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.
- COUTINHO, Mônica Roque. *Telenovela e Texto Cultural: análise antropológica de um gênero em construção*. Museu Nacional/UFRJ (dissertação de mestrado), 1993.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1933.
- GANS, Herbert, J. *Popular Culture and High Culture: an analysis and evaluation of taste*. New York: Basic Books, 1975.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1956.
- KELLER, Francisca Schurig Vieira. *O japonês na frente de expansão paulista: o processo de absorção do japonês em Marília*. São Paulo: Pioneira/ Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- MAFRA, Clara, C. J. *Na posse da palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Museu Nacional/UFRJ (dissertação de doutorado), 1999.
- MAGGIE, Yvonne. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MATTOSO, José. *A Identidade Nacional*. Lisboa: Edição Gradiva, 1998.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *O Negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- OLIVEN, Ruben. *Tradition Matters: Modern Gaúcho Identity in Brazil*. Translated by Carmen Chaves Tesser. New York: Columbia University Press, 1996.
- SEYFERTH, Giralda. "Algumas considerações sobre identidades étnicas e racismo no Brasil," in *Revista de Cultura Brasileira*. Espanha: Embajada de Brasil en España. Março, 1998.
- SIMMEL, Georg. *Conflict*. Translated by Kurt H. Wolff. New York: Free, 1964.
- TRAVASSOS, Sônia. "Capoeira e Alteridade: sobre mediações, trânsitos e fronteiras," in *Um Século de Favela*, Alba Zaluar e Alvíto Marcos (orgs.). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____. org. *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

- VELHO, Gilberto e Marcos Alvito (orgs.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Editora FGV, 1998
- VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ UFRJ, 1995.
- ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.